

SESSÕES DO PLENÁRIO

59ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 04 de dezembro de 2014.

PRESIDENTE: DEPUTADO ÁLVARO GOMES (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial com a finalidade de fazer a entrega do Título de Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça Social João Mangabeira, *in memoriam*, ao escritor Jorge Amado, proposta por mim.

Convido para compor a Mesa o Sr. João Jorge Amado, filho de Jorge Amado; o Sr. Jorge Amado Neto; a Srª Myriam Fraga, acadêmica e diretora-executiva da Fundação Casa de Jorge Amado; o Sr. Arthur Sampaio, presidente da Fundação Casa de Jorge Amado; o Sr. Valter Lessa, primeiro-secretário, representante da ABI – Associação Bahiana de Imprensa; e o querido cantor Gerônimo.

Convido os presentes a ouvir a execução do Hino Nacional.

(Execução do Hino Nacional.)

(Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Quero informar temos uma presença bastante representativa e a participação de diversas personalidades e que esta sessão especial está sendo transmitida ao vivo. Posteriormente, reproduziremos todo o seu conteúdo em vídeo e numa revistinha, para que possamos divulgar este importante evento.

Na condição de autor da proposição, serei o primeiro a fazer uso da palavra. Dessa maneira, farei, inicialmente, o meu pronunciamento.

O Sr. ÁLVARO GOMES:- Queria saudar o filho do homenageado *in memoriam*, Jorge Amado Filho, o neto do homenageado, Jorge Amado Neto, a diretora-executiva da Fundação Casa Jorge Amado, a acadêmica Míriam Fraga, presidente da Fundação Casa de Jorge Amado, Arthur Sampaio, Valter Lessa, representando aqui a ABI – Associação Baiana de Imprensa, e o nosso camarada, cantor e compositor Gerônimo.

(Lê) Quero nesse momento mostrar minha alegria com a realização dessa Sessão Especial para homenagear o nosso inesquecível Jorge Amado, através da concessão *in memoriam* do título de Cidadão Benemérito da Liberdade e da Justiça

Social João Mangabeira.

Gostaria de fazer uma solenidade com mais tempo de preparação, entretanto minha missão como deputado nessa etapa se encerra em janeiro, mas continuarei lutando em outras trincheiras. Como janeiro é o mês de recesso parlamentar não restou alternativa já que como autor da iniciativa não gostaria de sair sem concretizar minhas ações legislativas.

Cumprirei com todas as minhas obrigações até o último dia de mandato, sairei da mesma forma que ingressei, convicto de que um outro mundo é possível e que minha alma se alimenta de sonhos e de lutas por uma sociedade sem opressão.

Homenagear Jorge Amado, significa sonhar e acreditar nos sonhos, significa manter vivos os seus ideais, sua convicção de que nós podemos construir um mundo onde todos possam viver com dignidade, um mundo da diversidade, da solidariedade, da alegria, da musicalidade, da arte, do desenvolvimento social, em contraposição a sociedade capitalista que busca transformar as pessoas em objetos descartáveis, que valoriza o individualismo, o ter, em detrimento do ser humano.

Falarei um pouco sobre a vida de Jorge Amado com base em informações coletadas no *site* da Fundação Casa de Jorge Amado: Nascido em 10 de agosto de 1912 no município de Itabuna, mudou para Ilhéus com um ano de idade. Concluiu seus estudos secundários em Salvador, período em que começou a escrever profissionalmente, em veículos como *Diário da Bahia*, *O Imparcial* e *O Jornal*, e a participar das atividades literárias da capital, figurando como um dos fundadores da Academia dos Rebeldes.

Formou-se pela Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro, em 1935. O primeiro romance, *O País do Carnaval*, foi publicado em 1931 e a partir de então seguiu-se uma carreira de sucesso, com diversos livros traduzidos para outros idiomas, como *Jubiabá* (1934), *Capitães de Areia* (1937), *Terras do Sem Fim* (1943), *Seara Vermelha* (1946), a trilogia *Os Subterrâneos da Liberdade* (1954), *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), *Aliás, o ano que nasci*, *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1966), *Tenda dos Milagres* (1969), *Tieta do Agreste* (1977), entre vários outros. Sua obra literária também foi adaptada para o cinema e a televisão.

Além da atividade literária, Jorge Amado destacou-se no campo político. Ingressou no Partido Comunista do Brasil em 1932, viveu no exílio (Argentina e Uruguai) entre os anos de 1941 e 1942, período em que fez longa viagem pela América Latina, voltando para o Brasil em 1944. Foi eleito deputado federal em 1945 pelo Partido Comunista no Estado de São Paulo e participou da Assembleia Nacional Constituinte em 1946.”

Olhem o interessante! Como comunista, foi o autor da lei da liberdade de culto religioso.

(Lê) “Em 1947, nasce João Jorge Amado, seu primeiro filho com a escritora Zélia Gattai. Nesse período, o Partido Comunista Brasileiro foi declarado ilegal e seus membros perseguidos e presos. Jorge Amado teve de se exilar com a família na França, onde ficou até 1950, quando foi expulso, indo abrigar-se em Praga onde viveu até 1952, período em que nasceu sua filha Paloma. Logo depois, retorna ao

Brasil.

Em 6 de abril de 1961, passa a ocupar a cadeira de número 23 da Academia Brasileira de Letras, que tem, por patrono, José de Alencar e, por primeiro ocupante, Machado de Assis.

Jorge Amado teve sua obra premiada nacional e internacionalmente, merecendo destaque os seguintes: Stalin da Paz (União Soviética, 1951), Latinidade (França, 1971), Nonino (Itália, 1982), Dimitrov (Bulgária, 1989), Pablo Neruda (Rússia, 1989), Etrúria de Literatura (Itália, 1989), Cino del Duca (França, 1990), Mediterrâneo (Itália, 1990), Vitaliano Brancatti (Itália, 1995), Luís de Camões (Brasil/Portugal, 1995), Jabuti (Brasil, 1959, 1995) e Ministério da Cultura (Brasil, 1997).

Ele, também, recebeu títulos de Comendador e de Grande Oficial nas ordens da Venezuela, França, Espanha, Portugal, Chile e Argentina; além de ter recebido o título o “*Doutor Honoris Causa*” em 10 universidades dos seguintes países: Brasil, Itália, França, Portugal e Israel.

Sua ligação com o candomblé lhe proporcionou o título de obá, posto civil exercido no Ilê Axé Opó Afonjá.”

Queria, aqui, dar um destaque sobre a influência da obra de Jorge Amado em minha própria militância. Eu, militante comunista há 34 anos, utilizei sua obra como instrumento de luta e formação política para a construção da democracia e de uma sociedade com paz e justiça social. Na busca de novos filiados, nós trabalhávamos com o romance “*Os Subterrâneos da Liberdade*”. Esta obra contém 3 volumes e nós trabalhávamos todos os 3 volumes.

Então, para ingressar no Partido Comunista, não é como hoje, pois tinha critérios.

O livro “*Os Subterrâneos da Liberdade*” era dividido em 3 tomos ou volumes: “*Os Ásperos Tempos*”, “*Agonia da Noite*” e “*A Luz no Túnel*”. Quando entendíamos que havia uma pessoa lutadora, leal, comprometida com a justiça social, fazíamos a abordagem que, normalmente, durava meses.

Por quê? Oferecíamos o primeiro volume. A pessoa lia o primeiro volume e, depois, íamos discutir o fato de ter gostado, o que achou e tal. Em seguida, dávamos o segundo volume e continuávamos com a discussão para saber se a pessoa gostou ou não. Posteriormente, dávamos o o terceiro volume e continuávamos a discussão. Depois do terceiro volume, vinham outros textos de Lenin, Marx. Geralmente, iniciávamos com “*A Classe Operária*”. Debatíamos os temas.

Depois desse processo, nós convidávamos o companheiro para ingressar na fileiras do Partido Comunista. Geralmente, ingressava depois de um processo de meses.

Bem, quanto ao romance “*Os Subterrâneos da Liberdade*”, eu o utilizei muito para a gente discutir, debater e recrutar os novos filiados para o Partido Comunista do Brasil.

(Lê) “(...) Hoje as filiações se dão de forma diferente, evidentemente, já que a realidade é outra. Tivemos o fim da ditadura, vivemos em um Estado Democrático de

Direito conquistado com muitas lutas e muitas contribuições de intelectuais como Jorge Amado. Mas eu, particularmente, até hoje resisto a fazer filiações em massa, sem explicar o significado do comunismo, do socialismo.”

Ou o que é solidariedade para poder ingressar. Estamos vivendo num outro momento, é verdade. As portas do partido estão abertas para todos, mas continuo achando que a gente precisa ter um certo critério para o ingresso no Partido Comunista do Brasil.

(Lê) “Os Subterrâneos da Liberdade foi uma obra que retratou a luta dos comunistas contra a ditadura, que censurava, que torturava, que prendia (o próprio Jorge Amado foi preso duas vezes no período). Um romance que era na realidade um importante instrumento de luta por uma sociedade democrática, mais humana, na qual todos pudessem viver com dignidade.

Ainda na década de 50, de acordo com o *site* www.jorgeamado.com.br, a literatura de Jorge Amado passou a dar mais relevo ao humor, à sensualidade, à miscigenação e ao sincretismo religioso. Apesar de não terem estado ausentes de sua literatura, esses elementos passam agora a ocupar o primeiro plano e seus romances apresentam um posicionamento mais nuançado. Gabriela Cravo e Canela, escrito em 1958, marca essa grande mudança. O escritor, porém, preferia dizer que com Gabriela houve 'uma afirmação e não uma mudança de rota.

Na minha opinião, a essência de Jorge Amado nunca se modificou. Como escritor, teve a sensibilidade de durante toda a sua vida buscar de forma criativa contribuir para a construção de uma sociedade mais humana. Em 1955, Jorge Amado afasta-se do Partido Comunista, mas será que deixou mesmo de ser comunista?

Em 23/06/1991, em entrevista ao jornal *O Globo* sobre sua confiança no socialismo após a Queda do Muro de Berlim, afirmou: 'O capitalismo conserva-se o mesmo sistema frágil e injusto, produtor de guerras, de miséria, baseado no lucro, na ânsia do dinheiro. São razões muito miseráveis.

Sobre as desigualdades entre países, declarou ao *Jornal da Tarde* em 04/01/1992 o seguinte: 'Mas enquanto houver miséria, enquanto houver Terceiro Mundo, pode ter certeza, meu amigo, que não haverá paz no mundo.

Podemos citar mais uma declaração de Jorge Amado, ao *Jornal do Brasil*, em 04/08/1995, quando lhe foi perguntado se continuava comunista, e sua resposta foi clara e objetiva: 'Acho que o socialismo é o futuro. A queda do Muro significou o fim de ditaduras medonhas, que existiam em nome do comunismo, mas não eram comunismo na realidade. Acredito no avanço do homem em direção a um futuro melhor.

Na minha opinião Jorge Amado nunca deixou de ser comunista, sua obra retrata isso nos diversos momentos que vivenciou. Nasceu em 1912, viveu a experiência socialista iniciada com a Revolução Russa de 1917, atravessou duas guerras mundiais, atravessou momentos de turbulência no Brasil, momentos de avanços democráticos, enfim, várias situações.

Mas o que é importante ressaltar aqui é que, na minha opinião, Jorge Amado manteve intactos os seus ideais pela construção de uma sociedade nova. Quando se

fala que Jorge Amado mudou de rumo, mudou a sua linha literária, abordando outras questões, isso não significa dizer que ele mudou a sua essência. Porque a vida é isso, a vida é arte, é cultura, é alegria, a vida é composta de coisas boas. Jorge Amado abordava os momentos difíceis como por exemplo no “Subterrâneos da Liberdade”, abordava questões mais leves em outros romances, em seus diversos personagens, mas a sua essência se manteve intacta em toda a sua obra, sempre na luta por uma sociedade justa e mais humana.

Queria dizer aqui aos queridos familiares de Jorge Amado que me sinto muito satisfeito e que não poderíamos deixar de fazer esta justa homenagem a um dos maiores escritores do mundo. Não apenas porque é um dos maiores escritores do mundo, mas acima de tudo porque sua obra retrata um mundo de seres humanos que buscam construir com suas próprias mãos uma sociedade de paz e justiça social. Por isso, nosso querido Jorge é amado por todos nós e continuará eternamente amado, porque sua obra e sua história merecem.”

Viva Jorge Amado!

Viva a paz e a justiça social.

(Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Agora vamos ouvir a qualidade, a alegria da grande apresentação do nosso cantor Gerônimo. Gerônimo é o retrato da Bahia, Jorge Amado é o retrato da Bahia. A obra de Gerônimo é muito bonita e tem muito de Jorge Amado.

O Sr. Gerônimo:- A música que vou tocar é justamente o retrato do comportamento social e política do ser humano. É de minha autoria e tem o título da história de Jorge Amado chamada Jubiabá.

(Apresentação musical)

O Sr. Gerônimo:- Tive o prazer de conhecer Jorge Amado, ele pegou na minha mão e disse assim: “a gente é irmão, a gente só tem uma flecha e você sabe disso.” Ele se referia ao Orixá Oxotocanxoxo que só tem um arco e uma flecha. Há outros tipos de oxóssi que têm 40, 50 flechas, mas muitas vezes muita munição não quer dizer nada, porque esse Oxotocanxoxo se tornou rei com uma flecha só.

Então, na habilidade da vida, muitas vezes, com uma só flecha você atinge o seu alvo.

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Registro as presenças das seguintes autoridades: Roque Araújo, presidente do Instituto Roque Araújo de Cinema e Audiovisual; Ivan Cravo, filho de Mário Cravo; Raul Chaves Filho, presidente do Rotary Clube de Salvador; Fabrício Sacramento, Agente de Desenvolvimento da Superintendência Estadual Banco do Nordeste; Gildásio Xavier; Pedro Pirajá, representante da Unegro e também da comunidade de Pirajá; Tenente Coronel Aguinaldo Oliveira Comandante do 19º Batalhão; representado por Djalma Lopes Baltazar Filho, 1º Sargento; professor Taurino Araújo que também recebeu essa homenagem aqui de Cidadão Benemérito da Liberdade e Justiça Social.

Vou ler aqui uma crônica pequena feita pelo jornalista Gilmar Medeiros, que se encontra aqui presente, que achei muito interessante que retrata um pouco a obra de Jorge Amado:

“Retalhos de um Amado. A Bahia de Todos os Santos, da miscigenação, do candomblé e das 365 igrejas, foi além do Milagre dos Pássaros. Através da Estrada do Mar, levou às Terras do Sem-Fim um mundo de ficção. O menino Grapiúna, afeito à leitura e estudioso do ABC de Castro Alves, logo cedo mudou-se para São Jorge dos Ilhéus.

Lá, cresceu, ambientou-se e centenas de outros personagens por ele também foram ambientados. Dessa forma, um universo de criação se abria para o mundo. Em idiomas diversos. E um mundo para aquele povo. Um universo sem limites, de sonhos. Literário. Das entranhas dessa ficção, a história daquele pedaço da Bahia era contada e mostrada além-mar.

Em suas páginas, aquele jovem visionário das letras construiu as suas mulheres. Foi assim com Gabriela, Cravo e Canela; Teresa Batista Cansada de Guerra; Dona Flor e seus Dois Maridos; Tieta do Agreste. E com a sua mulher, ou melhor, com o amor de sua vida, discutiu e traçou o destino perene e universal dessas construídas criaturas.

Muitas saltaram dos livros para desfilar atributos e peculiaridades nas telas e telonas: beleza, sensualidade, irreverência, ousadia.

Do suor das travessuras e brincadeiras dos Capitães de Areia, exalava o cheiro do Cacau. A Bola e o Goleiro eram outra diversão daquela juventude de futuro incerto, como também, daquele moleque que sonhou com o Mundo da Paz, através de uma sociedade mais igual. Sem a exploração do homem pelo capital. Comunista.

Assim, o País do Carnaval assistiu ao florescimento e declínio do ouro branco, como fora chamado o fruto daquela terra. E o fruto desse fruto recheava as páginas e alimentava a imaginação daquele jovem, que também levava o Gato Malhado e até a Andorinha Sinhá para as escolas. Sem deixar de incursionar com o Amor do Soldado na direção do incipiente teatro.

Muito antes dos contos do Recente Milagre dos Pássaros, a inspiração do romancista já havia falado de Jubiabá e da Morte e a Morte de Quincas Berros D'Água. Do leito do Mar Morto, o escritor cruzou as águas de sua memórias para tratar da Navegação de Cabotagem. Era A Estrada do Mar.

Logo após buscar a Tocaia Grande, assistiu ao Sumiço da Santa. Originados do mesmo terreiro de O Compadre de Ogum e Seara Vermelha. Todos fundeamos no mesmo porto de Os Velhos Marinheiros ou o Capitão de Longo Curso.

Ao deixar a Tenda dos Milagres, foi à academia ficcionar Farda, Fardão, Camisola de Dormir. Viu ainda A Descoberta da América pelo Turcos e, já do descanso eterno, acompanhou Hora da Guerra.

Ms foi o combate ao capitalismo, a um sistema político produtor de misérias, baseado na ânsia do dinheiro, a maior guerra desse Cavaleiro da Esperança. Contada de forma tão real pelos Subterrâneos da Liberdade.

Obrigado Jorge. Obrigado Zélia. Inesquecíveis Amados.”

Gilmar Medeiros, jornalista que se encontra aqui presente.

(Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Tenho a satisfação de passar a palavra a João Jorge Amado, filho do homenageado, que falará em nome da família, e depois nós ouviremos nosso Jorge Amado Neto, que também vai fazer um pronunciamento.

O Sr. JOÃO JORGE AMADO:- Sr. Deputado Álvaro Gomes, Jorginho, Myriam, Arthur, jornalista Valter Lessa, meu primo Carlinhos Marighella, Gil, Rebeca, Francis, Ivan, minha mulher, Dôra, meus amigos presentes, eu queria, primeiro, agradecer por esta homenagem.

Meu pai sempre nos ensinou a não pedir homenagem, mas a recebê-la e aceitá-la. E esta homenagem é importante porque representa uma vida inteira de luta pela liberdade contra a opressão, pelo socialismo contra o capitalismo, pelos mais despossuídos contra os poderosos. Essa luta se deu de várias maneiras. No início o jovem escritor fazia um discurso político. Com o tempo, com o amadurecimento, esse discurso foi transformado em um discurso de humor, que é uma arma política talvez muito mais poderosa do que o discurso.

Quando o deputado Álvaro Gomes falou, traçou um perfil do que foi a biografia do meu pai. Eu acho perfeito, mas haveria algumas coisas a acrescentar.

O livro *Os Subterrâneos da Liberdade* começou a ser escrito em 1948, quando meu pai teve cassado o seu mandato de deputado federal. Ele havia sido constituinte, e durante o período em que foi parlamentar não conseguiu escrever uma única linha.

Antes disso, tinha escrito *O Cavaleiro da Esperança*, a biografia de Prestes, dentro de uma luta pela liberdade de Prestes e demais presos políticos, presos pelo Estado Novo. Para ele, o período parlamentar foi de muito sofrimento, porque era de luta política, de tarefas do partido que tinha recebido e que deveria cumprir, mas que o mantiveram afastado da literatura, pois ele não conseguia escrever ao mesmo tempo. Quando saiu do Brasil, exilado, começou a escrever *Subterrâneos da Liberdade* numa cidadezinha perto de Nice.

(Manifestação no Plenário informando o nome, confirmado pelo orador “Villefranche Vers”.)

Naquela época, o Partido Comunista era extremamente puritano, talvez refletindo um pouco a posição do Prestes, que era um homem muito puritano. Quando ele voltou ao Brasil, com *Os Subterrâneos da Liberdade* pronto, o livro foi mandado à apreciação de um grupo de dirigentes do partido, e aí propuseram uma série de cortes no livro, o acharam excessivamente licencioso, para se ter uma ideia do puritanismo que havia na época. Meu pai resistiu a fazer esses cortes e foi diretamente ao Prestes, que deu a palavra final de que não cortaria nada, e o livro saiu como havia sido escrito. Essa foi a última experiência dele em utilizar como forma de escrita o realismo socialista de Jdanov.

Depois disso, acho que ele ainda publicou o Mundo da Paz. Ainda dentro dessa linha de realismo socialista, o livro valeu a ele um processo por subversão por ter escrito o livro, e ele foi, ao final do julgamento, inocentado por uma sentença do juiz dizendo que o livro não era subversivo, era só sectário. Meu pai concordou, disse que

de fato o livro era muito sectário, não era subversivo.

A partir daí, ele passou a utilizar muito mais o humor, e passou a ter uma visão não só do pobre, do oprimido, mas, também muito importante, da condição da mulher, que era oprimida dentro de uma sociedade extremamente machista, e essa visão da mulher na sociedade brasileira foi, me parece, muito bem retratada por ele. Em toda a sua obra há uma unidade de luta sempre do bem contra o mal. Pode parecer uma coisa maniqueísta, mas assim era.

Eu só fiz uns adendos à biografia que foi dita pelo deputado Álvaro Gomes, e volto a agradecer por essa homenagem em nome da família.

Obrigada a todos vocês. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra a Jorge Amado Neto.

O Sr. JORGE AMADO NETO:- Boa-tarde, querido deputado Álvaro Gomes, proponente da entrega deste título ao meu avô Jorge Amado. Gostaria de dar boa tarde também aos meus queridos Artur e Míriam, que estão à frente da Fundação Casa de Jorge Amado; mais do que representantes da fundação, são verdadeiros guardiães da memória do meu avô. Me dá muita alegria tê-los aqui, tenham certeza disso. Gostaria de dar boa tarde também ao nosso querido Walter Lessa, representante da Associação Bahiana de Imprensa, e dar uma boa tarde a todos os presentes nesta sessão tão importante, que, no meu entender, vem a coroar o momento em que Jorge Amado passa a receber o título mais importante desta Casa Legislativa, que é o de Cidadão Benemérito da Liberdade e Justiça Social.

A própria nomenclatura desse título que hoje é concedido em memória do meu avô representa de forma muito objetiva a essência de Jorge Amado, tudo aquilo em que ele acreditava, as lutas das quais participou, e acima de tudo o legado que deixou para nós da família, para os filhos, para os netos e para a sociedade brasileira de maneira geral.

Ler Jorge Amado, sem sombra de dúvidas, é fazer um percurso e discutir história, discutir política, ter a oportunidade de ver de que maneira a opressão deve ser combatida.

Interessante que meu pai citou algo, agora há pouco, que eu já vinha pensando há algum tempo. Trata-se da forma tão poderosa como meu avô utilizou a literatura para combater aquilo que ele achava ruim, aquilo que ele achava que não deveria estar na sociedade, a exemplo da opressão e da discriminação.

Se pararmos para analisar, identificamos os grandes heróis e os grandes protagonistas da obra de Jorge Amado como, exatamente, os desvalidos da sociedade, aquelas pessoas escanteadas, aquelas pessoas sem qualquer tipo de inserção na sociedade ou mesmo quem lhes defendesse.

Analisemos calmamente. Quem foram os grandes, os principais, os protagonistas nas obras de Jorge Amado? As mulheres ou a figura da mulher a exemplo de Tereza Batista, Gabriela e Tieta. De forma tão apropriada, o meu pai

chegou a citar este item agora há pouco.

Essas são figuras centrais e foram utilizadas na literatura, exatamente como uma forma de estabelecer um confronto. Utilizava-se a figura da mulher em uma sociedade machista, em uma sociedade que lhes oprimia, em uma sociedade em que elas não tinham a liberdade para se manifestar e para dispor sobre o que pensavam. Elas eram colocadas, exatamente, como figuras de fibra, como figuras que venceram as intempéries da vida e que levaram, acima de tudo, as bandeiras da liberdade e do amor.

A figura do negro, na obra de Jorge Amado, sempre, era colocada em uma situação em que se expunha a luta contra o preconceito como uma das armas mais importantes. Ele dizia que a mistura de todas as raças seria fundamental para que não houvesse mais a discriminação e para que não houvesse mais qualquer tipo de segregação.

A liberdade religiosa e a liberdade política são bandeiras tão importantes. E, hoje, graças a Deus, temos a oportunidade de vivenciar em nossa sociedade. Essas foram batalhas travadas, também, por Jorge Amado com as armas que ele tinha, pois ele as utilizava com tanta propriedade. Ele usava a arma da palavra escrita.

A literatura de Jorge Amado permitia que as pessoas que, muitas vezes, não tinham tanta afeição ou que não se interessavam por questões políticas formais, lessem um livro de Jorge Amado e se inteirassem sobre questões fundamentais a serem discutidas. No livro *“Tieta do Agreste”*, por exemplo, quantas questões não são enfrentadas? Há temas como o preconceito, como a luta pelas questões ambientais em um tempo em que essas coisas não eram discutidas.

O meu avó Jorge, para mim, foi um exemplo de escritor e de pessoa pública, sem sombra de dúvidas. Também, ele foi um exemplo de homem, foi um exemplo de ser humano. Para levar a tantas e tantas pessoas a sua mensagem de amor, liberdade e tolerância, ele se utilizou da ferramenta que mais tinha habilidade e que mais sabia manusear: a literatura.

Sem sombra de dúvida, esse título hoje, entregue a Jorge Amado, vem, mais uma vez, colocar uma coroa sobre tantas e tantas homenagens que lhe são feitas. Esta homenagem, sem sobra de dúvida, tem um sabor todo especial, porque liberdade e justiça social são palavras que não podem ser dissociadas da figura de Jorge Amado.

Gostaria, mais uma vez, de agradecer a presença de todos.

Gostaria de agradecer, penhoradamente, ao nosso querido deputado Álvaro Gomes que, em mais de uma oportunidade, promoveu homenagem em reconhecimento à figura do meu avó Jorge. Esta homenagem é reconhecida e, do meu ponto de vista, é fundamental para que nós resgatemos, cada vez mais, figuras importantes da nossa história que merecem todo o nosso respeito e todo o nosso carinho.

Mais uma vez, muito obrigado pela atenção de vocês. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Convido a todos para ouvir a execução do Hino da Bahia.

(Hino da Bahia.)

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Para finalizar esta nossa sessão especial, quero relembrar que no centenário de Jorge Amado realizamos também uma sessão especial. Naquele ano nós ingressamos com essa proposição, mas o processo legislativo só permitiu a aprovação posteriormente. E a oportunidade que tivemos para a entrega deste Título foi hoje. As homenagens continuam porque Jorge Amado é imortal.

Queremos agradecer a presença de todas as personalidades, todas as lideranças e especialmente aos familiares de Jorge Amado: João Jorge Amado e Jorge Amado Neto.

Declaro encerrada a presente sessão. (Palmas!)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

*Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/v2/sessoes.cfm>. Acesse o caminho **Sessões** e leia-as na íntegra.*